

Projecto de Pós doutoramento: Linguagem Vaga e Enunciados Orais

Armando José B. de Moraes

Resumo: Com o presente projecto de investigação pretendemos recolher, inventariar e analisar ocorrências de Linguagem Vaga (LV) em diferentes tipos de enunciados produzidos em situação de interacção oral, a saber: narrativos, explicativos, descritivos e argumentativos. Denominamos LV todas aquelas unidades linguísticas que introduzem directa e deliberadamente uma dimensão de incerteza, de falta de precisão, na proposição onde surgem e que vão de palavras-*passepertout* (Koch & Oesterreicher, 1990) como ‘*coisa*’ ou ‘*indivíduo*’, a expressões de aproximação como ‘*por volta de*’, ‘*numa data de*’, ou expressões vagas de aproximação como ‘*e tal*’ e ‘*e isso tudo*’. Considerar-se-ão, ainda, casos explícitos de modalização discursiva que correspondem a adverbiais delimitadores (Castilho & Castilho, 2002) e marcadores conversacionais de atenuação (Rosa, 1992). O estudo das ocorrências de LV será realizado no âmbito de uma linguística de *corpora* de cariz pragmático-discursivo de orientação cognitiva que as perspectiva enquanto instâncias contextualizadas de um determinado uso da língua.

1. Estado da Arte

O início da investigação linguística sobre Linguagem Vaga (LV) ocorre na década de 70. No seu percurso podem identificar-se dois núcleos de teorização.

Um primeiro núcleo, de índole Pragmática, propõe uma interpretação dos usos de LV no âmbito das relações que esses usos estabelecem com dois modelos complementares: o *Princípio da Cooperação* de Grice (1975) e o *Princípio da Cortesia* de Leech (1983).

Um segundo núcleo, de índole semântico-cognitiva, assume a centralidade do significado no estudo da linguagem e interessa-se pelas formas como ele é construído conceptualmente na língua em uso. O conceito de ‘Vaguidade’, introduzido por Lakoff (1972), vem sublinhar o carácter

‘vago’ dos conceitos nas línguas naturais e a impossibilidade de delimitação fixa dos mesmos. Esta constatação conduz ao desenvolvimento da Teoria do Protótipo e, posteriormente, da Perspectivação Conceptual, modelos teóricos que permitem identificar os processos cognitivos que subjazem à interpretação dos usos de LV.

Na década de 90 os trabalhos sobre LV surgem, sobretudo, ligados a estudos de Análise do Discurso e resultam da análise contextualizada de exemplos autênticos recolhidos em *corpora* linguísticos orais e escritos. São deste período duas publicações de referência que atestam a maturidade dos estudos nesta área: *Vague Language* de Channell (1994) e *Vagueness: A Reader*, editado por Keefe & Smith

(1996). Na década seguinte e sob a perspectiva de disciplinas tão diferentes como a didáctica das línguas estrangeiras ou os estudos sobre interculturalidade proliferam estudos contextualizados de ocorrências de LV em diferentes eventos comunicativos.

No panorama da Linguística do Português a situação é bastante diferente, pois os estudos sobre LV existentes são isolados e, quase sempre, pontuais.

Salientamos, em primeiro lugar, o trabalho pioneiro de Franco (1997) sobre o uso de Expressões Abreviadas em final de enunciado, no qual é feita uma proposta de análise das mesmas no âmbito da teoria dos Esquemas de Organização Conceptual de Fillmore (1977).

Já no quadro teórico da Análise Conversacional, destaque para os trabalhos de Rodrigues (1998) no que se refere às actividades de encerramento de unidades comunicativas e aos Marcadores Conversacionais Topográficos de Manutenção e Cedência de Vez. Ainda no mesmo quadro teórico, mas em relação a unidades lexicais vagas, há que referir a gramática do português oral de Brauer-Figueiredo (1999) onde foram introduzidos os conceitos de

palavra-*passepertout* e de Sinais de Imprecisão, retirados de Koch & Oesterreicher (1990).

No que se refere à vaguidade discursiva referida na bibliografia através do conceito de ‘hedges’ e agora, claramente, dentro do modelo da Semântica Cognitiva, há que destacar, para o português europeu, os trabalhos de Pinto de Lima (1989), Soares da Silva (2006), Macário Lopes (2008) e sobre a polifuncionalidade de diferentes itens lexicais.

Na variante do português do Brasil, destacamos os trabalhos sobre Atenuação de Rosa (1992), sobre Anguladores de Leitão de Almeida (2007), bem como os trabalhos sobre Delimitadores de Castilho & Castilho (2002).

No quadro da Análise do Discurso focalizada em Narrativas Conversacionais, A. Morais (2008, 2011) procede a uma primeira tentativa de sistematização de usos de LV identificados em enunciados narrativos.

2. Objectivos

Considerando que o estudo das palavras e expressões vagas deve ser concretizado na experiência da sua actualização prática em diferentes

géneros textuais e que o seu significado está intimamente ligado à intencionalidade e à (co-)construção do acto comunicativo em que ocorre;

Considerando os resultados de um primeiro estudo sobre Linguagem Vaga em enunciados narrativos orais (Morais, 2008) e as ferramentas de análise que daí resultaram;

Gostaríamos de desenvolver um trabalho de investigação na área da Análise do Discurso de vertente Cognitiva que nos permitisse obter resposta para as seguintes questões:

1. Qual a extensão do uso de LV nos diferentes tipos de enunciados conversacionais seleccionados, a saber: o Relato, a Descrição, a Explicação e a Argumentação ?
2. Que categorias de LV são mais comuns em cada um deles?
3. Como podem ser descritas distribucionalmente ?
4. Quais as suas funções?
5. Em que medida é possível vincular alguns destes usos à própria situação de enunciação em que um texto empírico (enquanto actualização de um género específico) é produzido, contribuindo, desta forma, para a definição do contrato

comunicacional que subjaz à situação de interacção em causa?

6. Pode a ocorrência de LV ser uma característica específica de um determinado género da oralidade? Em que circunstâncias e com que função?

7. Que revelam estes usos de LV sobre a perspectivação do seu instanciador face à entidade ou situação a que se referem?

8. Em que medida essa perspectivação é também eco de uma experiência social e cultural e, como tal, específica de uma comunidade linguística?

Por último, gostaríamos de promover a difusão dos resultados finais desta investigação quer como contribuição efectiva para uma gramática descritiva do português europeu oral, quer sob a forma de materiais de divulgação científica para um público heterogéneo de multiplicadores de diferentes áreas: Língua Materna, Língua Segunda, Língua não Materna, Estudos Interculturais.

3. Desenvolvimento da

Investigação

3.1 O surgimento do tema no nosso trabalho

Em Morais (2011) estudámos um leque vasto de estratégias discursivo-pragmáticas através das quais o narrador fornece pistas de leitura aos seus interlocutores, procurando condicionar a co-construção dos sentidos do texto e buscando aproximá-la, o mais possível, da intencionalidade que subjaz à sua narração. Entre elas, foi possível identificar um subconjunto de estratégias através das quais o narrador focaliza ou desfocaliza a atenção do interlocutor para determinados elementos da narrativa.

Seguindo a proposta de Kallmeyer (1978), considerámos a Focalização, um processo discursivo de orientação dos interlocutores para as actividades comunicativas que se vão realizar. Ainda do mesmo autor, adoptámos a perspectiva de que essa Focalização pode ser conduzida em dois sentidos contrários: aproximação do foco (*Zuwenden*) e afastamento do foco (*Abwenden*), que passámos a referir como Desfocalização. Em relação a esta última, colocámos a hipótese de que o estudo dos fenómenos de

Linguagem Vaga (LV) identificados no *corpus* de trabalho poderia ser perspectivado a partir do mesmo ponto de vista.

Procedemos, então, a um primeiro estudo sobre realizações de LV em enunciados produzidos em situação de interacção oral, que permitiu:

- a identificação e descrição distribucional das ocorrências de LV no *corpus*;
- a caracterização das diferentes funções do uso de Palavras / Expressões que introduzem vaguidade num enunciado;

a verificação da hipótese desses usos reflectirem estratégias de construção de intencionalidade discursiva, através das quais o narrador procura envolver o narratário na construção de sentidos da narrativa e condicionar a sua interpretação do narrado.

3.2 A noção de Linguagem Vaga

É vasta a bibliografia de autores da análise conversacional que referem o fenómeno dos usos de LV, a par de outros como a iteração lexical, a fraca diferenciação paradigmática ou o recurso a palavras *passe-partout* na referência um novo objecto a introduzir no discurso, como uma das especificidades semânticas do discurso

oral, especialmente daquele que tem um menor grau de formalidade e de planeamento e se desenvolve no eixo da proximidade entre interlocutores (vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Koch & Oesterreicher, 1990: 102-120; Rodrigues, 1998: 88-91; Schwitalla, 2003:149-170). A Vaguidade que aí surge não é apenas um subterfúgio de preenchimento de lacunas conceptuais e / ou lexicais, mas uma opção consciente do falante e, cremos, muitas vezes própria do acto comunicativo em cuja construção está envolvido. O estudo dos usos de LV em diferentes enunciados orais parecem-nos um instrumento pertinente para a caracterização dos mesmos e para a compreensão do funcionamento do sistema da língua falada informal. Uma gramática da oralidade não pode ignorar ou deixar de descrever as formas e funções que as expressões linguísticas de vaguidade tomam na construção discursiva desses mesmos textos, se pretende abarcar as especificidades da sua gramática.

Quando da análise do *corpus* da nossa dissertação de doutoramento, detectámos um uso recorrente de palavras e expressões caracterizáveis pelo maior ou menor grau de imprecisão do seu conteúdo semântico.

Aparentemente, os interlocutores, em função do contexto de comunicação, pareciam optar conscientemente por unidades linguísticas de conteúdo vago que consideravam melhor se adequar à sua percepção da situação comunicativa e aos seus objectivos de comunicação. Para circunscrever o objecto da nossa análise, optámos por adoptar o conceito de LV proposto por Channell (1994). Assim, consideramos estar perante um uso vago da linguagem quando podemos identificar palavras e expressões que introduzem directa e deliberadamente uma dimensão de incerteza, de falta de precisão, na proposição onde surgem. Da sua utilização não resulta qualquer tipo de “ruído” comunicativo: o interlocutor aceita o grau de (im)precisão como apropriado à situação de comunicação em que se encontra e/ou ao género textual em que ocorre.

3.3 Um trabalho em Linguística de corpora

Defendemos que o conhecimento de uma língua emerge do uso, traduzindo-se pelo conhecimento de como essa língua é usada e com que finalidade. Assim, tomamos como objecto de análise usos autênticos da língua em

contextos e cotextos específicos e no âmbito de unidades suprasegmentais que correspondem a textos empíricos. Postulamos esses textos como instanciações contextualizadas, correspondendo a actualizações de géneros disponíveis numa determinada comunidade sociolinguística. Para o nosso trabalho é, assim, fundamental construir corpora genericamente homogéneos onde possamos observar e tentar descrever o funcionamento de um conjunto vasto de unidades linguísticas que aí são actualizadas. Nos últimos 10 anos trabalhámos sobre dois *corpora* de Enunciados Narrativos produzidos em situação de interacção oral, sendo a transcrição e etiquetagem exaustiva do segundo da nossa inteira responsabilidade. Esta experiência mostrou-nos que, quando se trabalha com *corpora* linguísticos, há que manter uma abertura de foco alargada no processo de análise. Se partimos do texto empírico para as formas linguísticas que activa na sua construção, temos que tomar em conta todas as possibilidades de manifestação de um mesmo mecanismo discursivo-pragmático, neste caso, de ocorrências de LV. No entanto, e porque temos trabalho experimental feito na área, podemos

auxiliar-nos de um conjunto de instrumentos de análise desenvolvido anteriormente para os Enunciados Narrativos que, cremos, nos pode permitir avançar com a investigação para outros tipos de textos orais sem perder o foco de análise – realizações de LV em actos comunicativos orais. Mas porque é fundamental que não haja uma imposição dos resultados já obtidos a outros tipos de enunciados orais, mantivemos, propositadamente, um leque mais vasto de possíveis realizações de LV de forma a respeitar possíveis ocorrências em (com)textos diferentes. A delimitação será ditada, a posteriori, pelos próprios usos no *corpus* em análise.

Também a forma como concebemos o trabalho de campo permite-nos tomar decisões ao longo do processo de investigação quanto número e pertinência dos enunciados orais a considerar no levantamento e análise contextualizada das ocorrências.

3.4 Primeiros Resultados: Usos de LV num *Corpus* de Enunciados Narrativos – construção de uma taxonomia de trabalho

Em Morais (2008 e 2011) apresentámos o seguinte quadro de

categorização das ocorrências identificadas:

Palavras e Expressões Vagas

- i. Expressões de Aproximação
 - a) Aproximação a Marcos Temporais
 - b) Aproximação a Quantidades
 - Quantificadores Vagos numéricos
 - Quantificadores Vagos não-numéricos
- ii. Expressões Vagas de Categorização
- iii. Expressões Vagas que abreviam partes do Discurso
 - a) Partes do Discurso Relatado
 - b) Partes da Narrativa
- iv. Expressões Vagas que marcam as fronteiras da Sequência Narrativa
- v. Expressões Vagas de Modalização Epistémica

A caracterização de cada uma das categorias permitiu-nos concluir que o uso de LV nas narrativas conversacionais é uma prática recorrente e obedece a objectivos discursivo-pragmáticos precisos. A par de colmatar falhas de conhecimento lexical ou de conteúdo e de preencher espaços de hesitação (formas pelas quais é normalmente referenciada em estudos de cariz normativo), estes usos podem também resultar de uma opção intencional do locutor. Através destas palavras e expressões, é-lhe permitido:

- a. dar a quantidade adequada de informação;
- b. ceder ao quantidade de informação pretendida (pelo alocutário);

- c. agir persuasivamente sobre o interlocutor, envolvendo-o na construção dos sentidos do texto;
- d. construir a sua própria imagem como locutor / narrador

3.5 O actual projecto de investigação

Pelo trabalho já realizado e pelo enorme interesse que esta temática nos despertou, avançámos para uma investigação mais aprofundada e extensa sobre os usos de LV. Nela, pretendemos:

1. Reequacionar a questão da LV numa perspectiva cognitivo-funcional, a partir da sua instanciação contextualizada em eventos comunicativos específicos que correspondem a diferentes enunciados da oralidade;
2. Desenvolver um instrumental de explicação teórica para as ocorrências de LV dentro de uma abordagem cognitiva da gramática, considerando as unidades linguísticas que lhe dão corpo enquanto rotinas cognitivas convencionalizadas que verbalizam efeitos de prototipicidade semântica (Geeraerts, 1997);
3. Coligir e discutir os resultados de estudos sobre LV que na última década têm sido desenvolvidos em

áreas tão diversas das ciências humanas e da linguagem como a Análise Conversacional aplicada à Didáctica das Línguas Estrangeiras – por ex: Carter & McCarthy (1994) – ou das relações sociais e interculturais – por ex: Drew (1991), sobre a gestão de assimetrias de conhecimento em contextos de interacção conversacional, ou Drave (2002), sobre o uso de LV em interacções interculturais;

4. Constituir um *corpus* representativo de outros enunciados conversacionais – o Relato, a Descrição, a Explicação, a Argumentação – que nos permita aplicar a taxonomia de usos de LV criada. Este material empírico será levantado num *corpus* por nós transcrito e indexado que inclui trechos de 75 interacções retiradas do *Corpus* do Português Fundamental do CLUL. Trata-se de um *corpus* com o total de 66 966 palavras que transcrevem 6 horas e 46 minutos de material auditivo;

5. Fazer uma caracterização exaustiva do funcionamento dos usos de LV em cada um desses enunciados;

6. Realizar um estudo comparado dos dados recolhidos em todos os textos, quer em termos quantitativos quer qualitativos, considerando o peso dos usos de LV em cada tipo de enunciado;

7. Proceder a uma sistematização dos resultados finais da investigação de forma a poder contribuir efectivamente para uma gramática descritiva do português europeu oral;

8. Desenvolver materiais de divulgação científica e/ou de formação de multiplicadores de diferentes áreas de saber (Língua Materna, Língua Segunda, Língua Não-Materna, Interculturalidade) que contribuam para um maior conhecimento do funcionamento da linguagem produzida em situação de interacção oral.

Referências

- Brauer-Figueiredo, F. (1999). *Gesprochenes Portugiesisch*. Frankfurt am Main: TFM.
- Carter, R. & M. McCarthy (1994). *Language as Discourse. Perspectives for Language Teaching*. New York: Longman.
- Castilho, A. & C. Castilho (2002). Advérbios modalizadores. In: R. Ilari (org.), *Gramática do Português Falado: Níveis de Análise Lingüística*. Vol. II. Campinas: Unicamp, pp.199-248.

- Channell, J. (1994). *Vague Language*. Oxford: O.U.P.
- Drew, P. (1991) Asymmetries of knowledge in conversational interaction. In Marková, J. & K. Foppa (eds.) *Asymmetries in Dialogue*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, pp. 21-48.
- Fillmore, C. (1977). Scenes-and-frames semantics. In: Zampolli, A. (ed.), *Linguistic Structures Processing*. Amsterdam: North-Holland, pp. 55-81.
- Franco, A. (1997). Estruturas fráscas abreviadas em português e alemão. Alguns aspectos da linguagem espontânea falada. In: Lüdke, M. & J. Schmidt-Radefeldt (ed.), *Kontrastive Linguistik: Deutsch versus Portugiesisch-Spanisch- Französisch*. Acta Romanica. Band 9. Tübingen: Günter Narr Verlag, pp. 55-77.
- Galhano Rodrigues, I. (1998) *Sinais Conversacionais de Alternância de Vez*. Porto: Granito Editores e Livreiros.
- Geeraerts, D. (1997) *Diachronic Prototype Semantics. A Contribution to Historical Lexicology*. Oxford: Clarendon Press.
- Kallmeyer, W. (1978). Fokuswechsel und Fokussierungen als Aktivitäten der Gesprächskonstitution. In: Meyer-Hermann, R. (ed.), *Sprechen - Handeln - Interaktion*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 191-241.
- Keefe, R. & P. Smith (1996). *Vagueness: A Reader*. Cambridge: MIT Press.
- Koch, P. & W. Oesterreicher (1990). *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Lakoff, G. (1972). Linguistics and Natural Logic. In: Davidson, D. & G. Harman (org.), *Semantics of Natural Language*. Dordrecht: D. Reidel, pp. 545-665.
- Leitão de Almeida, M. L. (2007) Ferramentas eletrônicas de busca e a pesquisa lingüística: o caso do angulador 'um tipo de'. In: Estudos Lingüísticos XXXVI (1). Janeiro-Abril, pp. 188-196.
- Macário Lopes, A. (2008). Enfim. In: *Estudos Linguísticos*. N.º 2, Dezembro 2008. Lisboa: Edições Colibri. pp. 61-76.
- Morais, A. (2008) E coiso e tal – algumas considerações sobre o uso de linguagem vaga em enunciados narrativos orais. In: S. Frota & A. Santos (org.), *Actas do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: A.P.L., pp. 359-371.
- Morais, A. (2011). *Narrativas Conversacionais. A Introdução de Enunciados Narrativos em Situação de Interação Oral*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Aberta. Lisboa.
- Pinto de Lima, J. (1989). *Significado Avaliativo: para uma Clarificação à Luz de uma Semântica Prática*. Dissertação de Doutoramento. FLUL. Lisboa.
- Rosa, M. (1992). *Marcadores de Atenuação*. São Paulo: Contexto.
- Soares da Silva, A. (2006) *O Mundo dos Sentidos em Português. Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina.
- Schwitalla, J. (2003 [1997]). *Gesprochenes Deutsch. Eine Einführung*. Berlin: Erich Schmidt Verlag.